

Modalidade do resumo 3 – expandido relato de pesquisa
(Eixo 3 - Esporte e cultura)

**PSICOLOGIA DA ARQUERIA DO POVO KRIKATÍ: JOGOS INDÍGENAS NA
AMAZÔNIA MARANHENSE**

Fabio José Cardias-Gomes
Universidade Federal do Maranhão

Introdução

Desde 2012 estuda-se os povos Timbira do cerrado em transição/fronteira com a floresta tropical da Amazônia Oriental, no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins. Os estudos sobre os povos Timbira Oriental compõem uma tradição desde Curt Nimuendajú (1946) a Correa (2000), e continua, por meio da qual coletamos dados sobre corrida de toras, entre outros jogos tradicionais, como o ritual da bananeira. Ritual masculino-comunitário de tiro com arco, tema central desta comunicação. Foram aplicadas teorias etnoesportivas, dos Jogos e Esportes Tradicionais (JETs), psicologia social do esporte, pontos de vista psicossociais da descolonização, psicologia indígena e etnografia ameríndia.

O chamado povo Krikatí pertence às nações étnicas de tronco familiar Timbira, dentre várias. Já se encontravam nesta parte da América do Sul, ocorrendo no Sul, Centro e Norte do Brasil, muito antes do processo violento de invasão e colonialismo europeu. Jê é a língua deles, possui níveis significativos de dificuldade de aprendizado devido aos seus sons guturais: uma variedade de pronúncias roucas, graves e profundas. Do sotaque Krikatí, eles se denominam *Mehín* (os da própria carne), em contraste com o branco *Kupén*, ou *Kupē* (o outro de outra carne) (NIMUENDAJÚ, 1946).

Outros povos Timbira são os Apinajé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê e Krahô. Também chamado de povo Jê-Timbira, pois existem pessoas que falam a língua Jê que não são Timbira, como Kaygang e Panará. Jê significa tanto a língua quanto o povo milenar, por exemplo, Krikatejê = povo Krikatí, ou Jê-Timbira pode ser língua falada Timbira-Jê ou povo Timbira. Mostra como o Outro entende a unidade linguagem-nós-povo como inseparável. Eles podem ser divididos em Timbira Ocidental e Timbira Oriental, em relações com as localizações geográficas das margens do rio Tocantins, situadas ao longo da Amazônia Oriental.

Objetivo

Descrever, compreender e analisar, sob viés da psicologia do etnoesporte e dos JETs, observações e notas do milenar ritual de tiro com arco da bananeira do povo Krikatí, realizado nos dias 21 e 22 de novembro de 2020, na Aldeia São José do Povo Krikatí, Amazônia Maranhense.

Método

Qualitativo, descritivo e de cunho inicialmente etnográfico, utilizou-se de especialmente notas em caderno de campo e abordagem etnográfica. Para a análise teórica, faz-se referência ao etnoesporte desde Fassheber (2010), Kylasov (2019), da psicologia do etnoesporte e dos JETs em Cardias-Gomes (2021a, 2021b, 2021c), da sociologia dos jogos indígenas como em Essa, Arellano, Stuart e Sherps (2022), dentre outros.

Resultados

O Ritual de Tiro com Arco da Bananeira é uma apresentação masculina, rito de passagem, que acontece anualmente, ou alguns anos de intervalo. É um ritual coletivo-comunitário notório, como todos os rituais indígenas em geral, inclusive de apoio às mulheres, pois cozinham desde a madrugada até o jantar, observado muito trabalho

entre elas. É uma formação de relação jovem-ancião arqueiro-guerreiro. No primeiro dia, homens e meninos foram ao cerrado (savana de degraus altos e mata seca), a bananeira foi escolhida, desenterrada, desfolhada, deixada com o caule nu que é o alvo, e dá nome ao ritual. Muitas folhas de buriti também foram retiradas, a palha de buriti, comum na Terra Indígena (TI), cobriu o terreno circundado, pré-moldado por madeira, com 30-40 metros de diâmetro e cercado por 2-3 metros de altura formando um círculo em o pátio central da vila, típico Timbira.

Na cena dessa etnia social, um círculo-sol de madeira tem raios de folhas de buriti representando o ser superior na mitologia-cosmovisão Krikatí: Pyht o “deus” Sol. No segundo dia, ocorreu o tiro com arco. Após o coffee-break coletivo, os machos se reuniram dentro do círculo-solar, pegaram arco e flechas, dirigiram-se para a entrada do círculo e cerca de 50 metros à frente, fora do círculo, estava o alvo da bananeira. Mulheres e convidados devem estar fora do círculo. As mulheres Krikatí tornaram-se as comadres-madrinha dos arqueiros. Eles foram autorizados a levar flechas perdidas ao alvo quando os arqueiros erraram, logo após quatro tentativas.

O ritual de apresentação masculina, que ocorria com mais frequência anualmente, e atualmente dentro de dois e três anos, quando há atrasos ou outras deliberações, é um ritual notoriamente coletivo-comunitário, como todos os rituais indígenas em geral, pois as mulheres apoiam a cozinha desde a madrugada até o jantar, o que foi observado muito trabalho entre eles, avós, mães, filhas e netas, trabalho pesado na cozinha, e são companheiros dos arqueiros, quando não atingem o alvo após quatro lances.

Na manhã do segundo dia, o momento mais esperado: o tiro com arco. Após o café coletivo, os homens e meninos se reúnem dentro do recinto solar, pegam arco e flechas e dirigem-se para a entrada do recinto, cerca de 50 metros à frente está uma grande bananeira nua e sem folhas: o alvo. Os púberes, adolescentes e jovens adultos ou fazem sua primeira festa, ou terminam, entrando definitivamente na fase adulta, casando-se, constituindo família. Devem atirar no alvo até acertar, mas uma mulher-comadre pega uma flecha e a leva ao alvo simbolizando que o arqueiro acertou, é sua generosa cumadre. Após a prova do último arqueiro, o ritual foi endereçado ao fim, apresentando aos convidados as flechas utilizadas e os discursos dos anciões.

Discussão

De acordo com Kylasov (2012), as competições tradicionais têm uma natureza ritual distinta, representam uma relação complexa entre as pessoas e seus territórios. Ou como afirmado:

Danças antigas, representação de cenas de caça, luta livre e outras competições têm uma natureza ritual distinta. Para nós eles aparecem como um complexo sistema de imagens que representam a relação entre as pessoas e o meio ambiente. Pessoas de diferentes tribos e etnias expressam essa relação de maneira especial, de acordo com os costumes locais, meio natural e social. Muitas imagens podem parecer semelhantes, mas apenas à primeira vista. Na verdade, eles nunca se repetem exatamente e esse é o segredo da atratividade do drama dos jogos tradicionais. (KYLASOV, 2012, p. 27).

Quanto aos homens e meninos Krikatí, trata-se de um ritual masculino no sentido de que meninos-púberes são apresentados à comunidade, assim como os adolescentes e os jovens adultos. Constitui rito de passagem para apresentação das novas fases à comunidade, momento em que a arte do tiro com arco, a confecção coletiva de arcos e flechas estabelecem um ciclo de trabalho em grupo até a culminação da festa-ritual que tem como alvo o tiro na bananeira desfolhada: o tronco da árvore como alvo.

Como bem destacou Fassheber (2010), o tipo de relações entre corpo e sociedade, a partir da obra clássica de Marcel Mauss *Les Techniques du corps*, 1934, no *Journal de Psychologie*, e do contemporâneo Douglas, 1982, *Natural Symbols: explorations on*

cosmology, são fenômenos naturais e sociais que se constroem em conjunto, e o controle dos corpos está relacionado ao controle social, também apresentado nas comunidades indígenas.

Importante notar que ritual, ambiente, cosmovisão, mitologia, corpo e relações e formações sociais estão todos envolvidos na noção de Território e sua proteção. Lembrando que o ritual da Bananeira é um ressurgimento, mas também uma insurgência, na medida em que, ouviram os líderes comunitários, são muitas as dificuldades em organizar o ritual milenar, quase esquecido pelos mais jovens, em seus detalhes. Assim, terra e cultura não podem ser separadas ao trabalhar com Jogos Indígenas, jogos-esportes tradicionais (JET) e/ou esportes contemporâneos como o futebol (etnosportes). O que está de acordo com Essa et al. (2022), para quem, por exemplo, ao analisar a visão crítica das Comunidades Indígenas Canadenses, *Sport For Developmant* (SFD), programas e políticas esportivas, o financiamento de pesquisadores deve evitar modelos de desenvolvimento que reproduzam discursos coloniais e se movam contra o poder indígena, privilégio e terra, ou como proposto pela teoria colonizadora que estabelece a desapropriação de terras, ou como abaixo:

A teoria colonizadora estabelece a desapropriação da terra como central para as relações colono/indígena no centro do ressurgimento. Reatualiza as relações coloniais com o mundo contemporâneo expondo as conexões internas das instituições colonizadoras, conhecimentos e emoções embutidos nessa realidade social, ao mesmo tempo em que revela como as estruturas de produção de conhecimento apaziguam a culpa dos pesquisadores colonizadores como parte integrante do problema dos colonos. A teoria descolonizadora encoraja a descolonização do campo de estudo e questões de pesquisas associadas, enquanto desbloqueia o discurso contido e metaforicamente decolonial apresentado na maioria dos estudos SFD. A pesquisa crítica de SFD deve condenar fortemente o papel contínuo do setor na desapropriação de terras (Millington et al., 2019), mas também pode buscar maneiras de produzir uma contribuição mais impactante, cura e ressurgimento (Paraschaik e Heine, 2020). A pesquisa do SFD deve se envolver mais com acadêmicos, estudos, metodologias e conhecimentos indígenas, e se tornar mais consciente dos programas que são povos indígenas. Perspectivas ultracríticas em SFD não subvertem sua tez colonial; eles apenas destacam o *status quo*, permitem que os colonos pesquisadores se movam para a inocência (Tuck e Yang, 2012), e pouco para apoiar um ressurgimento proporcional à repatriação de poder, privilégio e terra. (ESSA et al, 2022, p. 309).

Ao tomar o Ritual-Jogo da Bananeira e o Etnoesporte: Psicologia da Arte do Tiro com Arco do Guerreiro Krikatí, do ponto de vista psicológico, psicossocial e etnográfico, as considerações apresentadas em Essa et al. (2022) acima estão alinhados com o que vem sendo construído no campo teórico desta experiência amazônica. O corpo envolvido nos JETs e no etnoesporte é o *corpo-território*, dimensões indissociáveis que ganham atenção teórica e metodológica na atualidade, especialmente se considerados os JETs praticados na área da Floresta Amazônica, o que também contribui com o que diz respeito às construções da psicologia do esporte nos países da América Latina, conforme observado em León (2019) e mais recente no Conselho Federal de Psicologia (2022):

Por isso, também pretendemos que este material possa servir como um documento que contribua com as agendas dos povos indígenas, pois aqui reconhecemos o caráter doentio das consequências para os povos indígenas devido ao atual modelo econômico, que tem como eixos a ilegalidade, invasões de territórios, biopirataria e destruição de ecossistemas e culturas indígenas, desde a colonização até a contemporaneidade. (CFP, 2022, p.23).

Considerações finais

Importante dizer que esse tipo de pesquisa não é possível sem a autorização e participação dos líderes comunitários e de sua população, o que exige aprendizados além acadêmicos, interculturais e saberes comunitários. Esperamos construir o conhecimento acadêmico com a parceria entre acadêmicos e povos tradicionais para avançar e manter os procedimentos éticos. Então, obrigado a todas as pessoas Krikati em geral.

Futuras pesquisas serão conduzidas para o aprofundamento do ritual da Bananeira, enquanto ritual de passagem do jovem masculino, comunicação de gênero e intercâmbio de conhecimento de geração.

Referências

CARDIAS-GOMES, F.J. O peso da tora: jogos tradicionais Timbiras, cosmopolítica e defesa do território-étnico. In: *Annals of the XV Encontro Regional da Associação Brasileira de Psicologia Social*. Disponível em: https://www.abrapsosp2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=167, acesso em 13/07/2021, 2021a.

CARDIAS-GOMES, F.J. Etnoesporte Timbira: aspectos socioculturais e psicossociais do corpo-território e ressignificações da corrida de tora Amazônida. In: Stela Maris Ferrarese (org.). *Juegos Indígenas Antiguos y Contemporáneos de América del Sur*. Museo del Juguete Étnico/Argentina, 2021b.

CARDIAS-GOMES, F.J. Ethnosport psychology and Indigenous sportmanship: a Brazilian contribution. In: Turkman, M.; Ziyagil, M.A.; , Kaya, A.. *Impacts of traditional sports and games on global peaceand development during and after Covid-19*. Gece/Kitapigli: Ankara, Turquia, 2021c.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP-Brasil). *Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas*. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, 1. Edição, Brasília, CFP, 2022.

CORREA, K. N. *Muita terra para pouco índio? O processo de demarcação da Terra Indígena Krikati*. São Luis : UFMA, 2000.

ESSA, M., ARELLANO, A. E. M., STUART, S., SHEPS, S. Sport for indigenous resurgence: Toward a critical settler-colonial reflection. In: *International Review for the Sociology of Sport*. V. 57, N. 2, 2022.

FASSHEBER, J. R. M. *Etno-desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang*. Brasília, Brazil: Ministério do Esporte, 2010.

KYLASOV, A. *Ethnosport. The End of Decline* (Sport: Kultur, Veränderung/Sport: Culture, Change). Zurich: LIT Verlag, 2012.

LÉON, L. M. Por um hacer latinoamericano em el deporte. In: Rubio, K; Camilo, J. A. de O. *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Képos, 2019.

NIMUENDAJÚ, Curt. *The Eastern Timbira*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Vol. 41., 1946.